

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

# Espécies Arbóreas Brasileiras



**Vinhático**

*Plathymenia reticulata*

volume

3

# Vinhático

*Plathymenia reticulata*

Fotos: Paulo Ernani Raimalho Carvalho



Rio das Flores, RJ



Foto: Fernando Duboc Bastos



Ilhéus, BA (Ceplac - plantio, 30 meses)

# Vinhático

*Plathymenia reticulata*

## Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o sistema de classificação baseado no *The Angiosperm Phylogeny Group APG II* (2003), a posição taxonômica de *Plathymenia reticulata* obedece à seguinte hierarquia:

**Divisão:** Angiospermae

**Clado:** Eurosídeas I

**Ordem:** Fabales (em Cronquist (1981), é classificada em Rosales)

**Família:** Fabaceae (em Cronquist (1981), é classificada em Leguminosae)

**Subfamília:** Mimosoideae

**Gênero:** *Plathymenia*

**Espécie:** *Plathymenia reticulata* Benth

**Publicação:** in *Journal of Botany: being a second series of the Botanical Miscellany* 4(30); 334. 1841

**Sinonímia botânica:** *Plathymenia foliolosa* Benth. (1841); *Pirottantha modesta* Spegazzini

(1916); *Plathymenia modesta* (Speg.) Burkart (1939).

### Nomes vulgares por Unidades da Federação:

em Alagoas, amarelo; na Bahia, amarelinho, vinhático e vinhático-do-campo; no Ceará, acende-candeia, amarelo e pau-amarelo; no Distrito Federal, vinhático-do-campo; no Espírito Santo, em Goiás e no Estado de São Paulo, vinhático; em Mato Grosso, vinhático-do-campo; em Mato Grosso do Sul, vinhático e vinhático-do-campo; em Minas Gerais, vinhático, vinhático e vinhático-do-campo; no Pará, oiteira, paricazinho, pau-amarelo e pau-de-candeia; em Pernambuco, amarelo e pau-amarelo; no Piauí, acende-candeia e candeia; no Estado do Rio de Janeiro, amarelo e vinhático; em Santa Catarina, vinhático-do-campo e vinhático-chamalot; e no Estado de São Paulo, amarelinho, candeia e vinhático-do-campo.

**Nomes vulgares no exterior:** no Paraguai, *morosyo say' ju*.

**Etimologia:** o nome genérico *Plathymenia* vem do grego *plathy* (largo e chato) + *hymenon* (envólucro ou membrana), ou seja, sementes

largas e achatadas envoltas por membrana (BURKART, 1979); o epíteto específico *reticulata* se deve às nervuras dispostas em rede (SILVA JÚNIOR, 2005).

O nome vulgar vinhático é relativo a vinha, vinhedo, em alusão à madeira, que é da cor de vinho (SILVA JÚNIOR, 2005).

## Descrição Botânica

**Forma biológica:** essa espécie é constituída por árvores decíduas. As árvores maiores atingem dimensões próximas a 30 m de altura e 150 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo) na idade adulta. No Cerrado ou na Savana, atinge porte menor, com 5 m de altura e 30 cm de DAP, na idade adulta.

**Tronco:** é cilíndrico, geralmente torcido e de base angulosa. O fuste mede até 14 m de comprimento.

**Ramificação:** é dicotômica. A copa é irregular, aberta, mais ou menos arredondada, pouco densa e com os ramos terminais avermelhados e lenticelados.

**Casca:** mede até 5 mm de espessura. A superfície da casca externa ou ritidoma é suberosa e relativamente fina, de cor grisácea a pardacenta, estratificada, com fissuras pequenas, fragmentando-se em grandes placas lenhosas ou lâminas rígidas e quebradiças mais ou menos retangulares que são soltas na porção superior, freqüentemente rebatida para cima. As escamas medem de 2 mm a 3 mm de largura, apresentam forma variável, porém mais bem arredondadas. Ao se retirar uma escama, surge uma mancha marrom, que contrasta com a cor da casca mais velha. A casca interna é roxa.

**Folhas:** são alternas, bipinadas, medindo de 15 cm a 20 cm de comprimento, com 6 a 14 pares de pinas opostas de 5 cm a 10 cm de comprimento cada uma; apresentam de 10 a 19 folíolos alternos ou opostos, ovado-oblongos a elípticos, membranáceos, emarginados, desde glabros a ligeiramente pilosos, medindo de 5 mm a 20 mm de comprimento por 2 mm a 10 mm de largura com o ápice arredondado. A morfo-anatomia das folhas dessa espécie pode ser encontrada em Mendes e Paviani (1997).

**Inflorescência:** é uma espiga insinuada nas folhas e nos ramos, ligeiramente pedunculada, medindo de 5 cm a 15 cm de comprimento, bem mais curta que as folhas.

**Flores:** são hermafroditas ou bissexuais, numerosas, esbranquiçadas e medem de 5 mm a 7 mm de comprimento, com cinco pétalas diminutas brancas e muitos estames.

**Fruto:** é um criptolomento que mede de 10 cm a 25 cm de comprimento por 1,5 cm a 4,5 cm de largura, oblongo, chato, liso, nítido, pontudo, com estipe de 2 cm a 3 cm, pardo-avermelhado e glabro, contendo de 7 a 12 sementes; o endocarpo subcoriáceo e citrino se separa do resto e reveste as sementes, medindo de 3,5 cm a 4 cm de comprimento (LIMA, 1985).

**Semente:** é de formato obovóide a obovóide-oblonga, medindo de 0,7 cm de comprimento por 1 cm de largura, com faces ligeiramente conexas, não alada, transversal, com endosperma; a testa apresenta consistência rígido-membranácea, castanha, nítida, com pleurograma contínuo (LIMA, 1985).

## Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

**Sistema sexual:** *Plathymenia reticulata* é uma espécie polígama (KILLEEN et al., 1993).

**Vetor de polinização:** essencialmente abelhas e diversos insetos de pequena dimensão.

**Floração:** de julho a setembro, no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1999), de agosto a novembro, no Distrito Federal (SILVA JÚNIOR, 2005), de setembro a novembro, em Mato Grosso do Sul (POTT; POTT, 1994) e no Piauí (RIZZINI, 1976), de setembro a fevereiro, em Pernambuco (CARVALHO, 1976), de outubro a dezembro, no Estado do Rio de Janeiro, de novembro a dezembro, em Minas Gerais e de dezembro a janeiro, em Pernambuco (ANDRADE-LIMA, 1954).

**Frutificação:** os frutos do vinhático amadurecem de agosto a setembro, na Bahia, em Mato Grosso do Sul (POTT; POTT, 1994) e no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1999), de setembro a dezembro, no Distrito Federal (SILVA JÚNIOR, 2005), de outubro a novembro, em Minas Gerais e de outubro a janeiro, em Pernambuco (CARVALHO, 1976).

**Dispersão de frutos e sementes:** anemocórica, pelo vento (WEISER; GODOY, 2001).

## Ocorrência Natural

**Latitudes:** de 00°25'S, no Amapá, a 23°S, no Estado do Rio de Janeiro. Contudo, possivelmente encontra seu limite austral no divisor de águas dos rios Iguaçu e Uruguai (BURKART, 1979). Atinge 25°30'S, na Argentina.

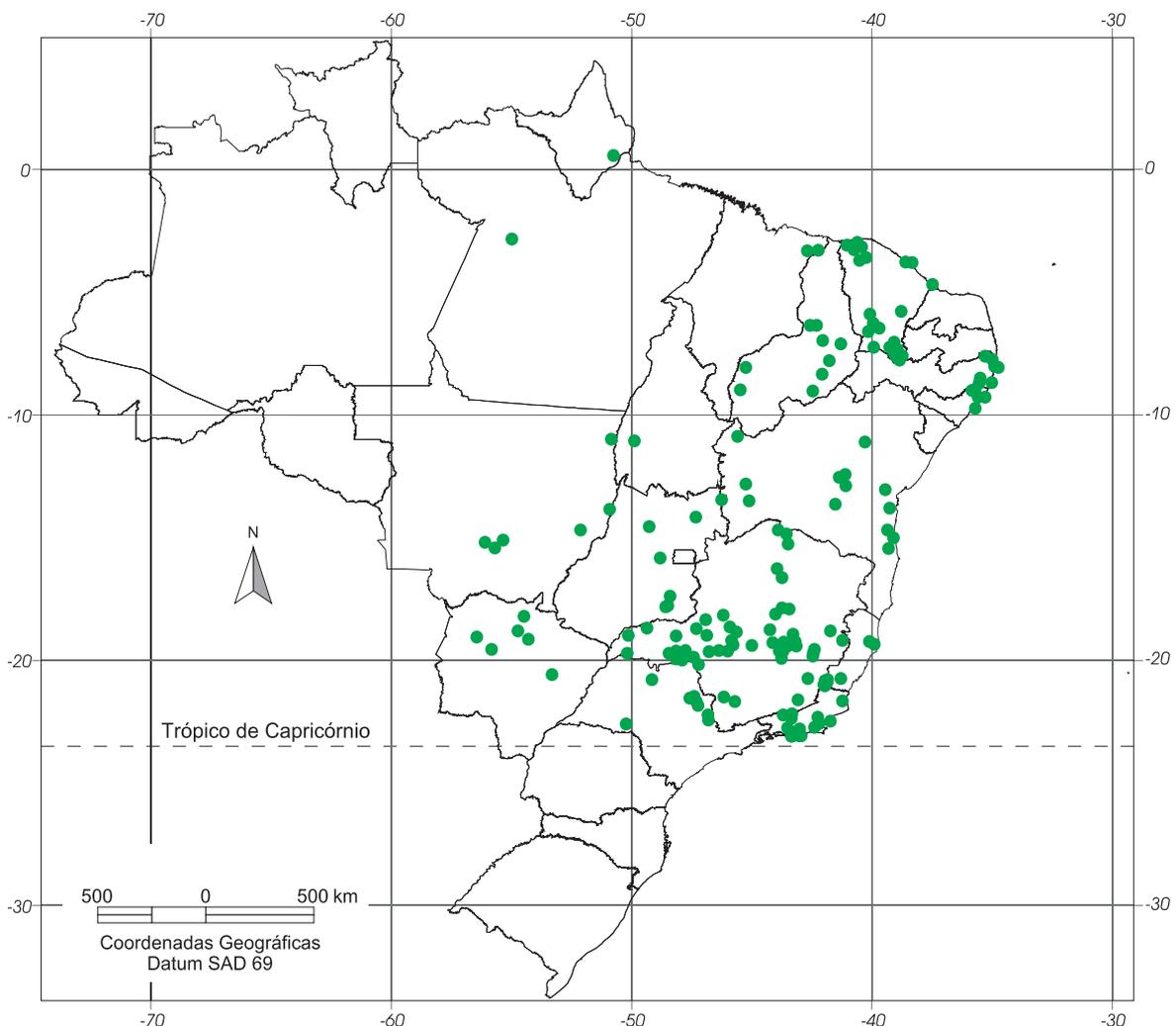
**Variação altitudinal:** de 30 m, no Espírito Santo, a 1.300 m de altitude, em Minas Gerais.

**Distribuição geográfica:** *Plathymenia foliolosa* ocorre, de forma natural, no noroeste da Província

de Misiones, na Argentina (MARTINEZ-CROVETTO, 1963), na Bolívia (KILLEEN et al., 1993) e no norte do Paraguai (LOPEZ et al., 1987).

No Brasil, essa espécie ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 65).

- Alagoas (TAVARES et al., 1967; TAVARES et al., 1975; TAVARES, 1995b).
- Amapá (SANAIOTTI et al., 1997).
- Bahia (LUETZELBURG, 1922/1923; MELLO, 1968/1969; SOARES; ASCOLY, 1970; RIZZINI; MATOS FILHO, 1974; LEÃO; VINHA, 1975; PINTO, 1980; LIMA, 1985; LEWIS, 1987; GUEDES; ORGE, 1998; MENDONÇA et al., 2000).
- Ceará (DUCKE, 1959; ARRAES, 1969; PARENTE; QUEIRÓS, 1970; TAVARES et al., 1974; FERNANDES; GOMES, 1977; GOMES; FERNANDES, 1985; FERNANDES, 1990; COSTA et al., 2004).
- Distrito Federal (PROENÇA et al., 2001).
- Espírito Santo (THOMAZ et al., 2000; LORENZI, 2002).
- Goiás (RIZZO, 1996; MUNHOZ; PROENÇA, 1998; SILVA JÚNIOR et al., 2000; SILVA et al., 2002).
- Maranhão (IMAÑA-ENCINAS et al., 1995; NASCIMENTO et al., 2002).
- Mato Grosso (MATTOS, 1972; PRANCE; SCHALLER, 1982; OLIVEIRA FILHO; MARTINS, 1986; OLIVEIRA FILHO, 1989; FELFILI et al., 1998; MARIMON; LIMA, 2001; MARIMON JUNIOR; HARIDASAN, 2005).
- Mato Grosso do Sul (POTT; POTT, 1994; POTT et al., 1995; SALIS et al., 2006).
- Minas Gerais (MAGALHÃES, 1967; MOURA, 1975; RIZZINI, 1975; THIBAU et al., 1975; CAMPOS; LANDGRAF, 1991; COSTA NETO; COUTO, 1991; RAMOS et al., 1991; BRANDÃO; ARAÚJO, 1992; BRANDÃO; GAVILANES, 1994; BRANDÃO, 1995).



**Mapa 65.** Locais identificados de ocorrência natural de vinhático (*Plathymenia reticulata*), no Brasil.

- MENDONÇA FILHO, 1996; ARAÚJO et al., 1997; MENDES; PAVIANI, 1997; BRANDÃO; NAIME, 1998; CARVALHO et al., 2000; LOMBARDI; GONÇALVES, 2000; COSTA; ARAÚJO, 2001; LOPES et al., 2002; MEIRA NETO; SAPORETTI JÚNIOR, 2002; COSENZA, 2003; SILVA et al., 2003).
- Pará (DUCKE, 1949; MIRANDA, 1993).
  - Paraíba (DUCKE, 1953).
  - Pernambuco (DUCKE, 1953; LIMA, 1970; LÊDO, 1980; PEREIRA et al., 1993; RODAL et al., 2005a, b; FERRAZ; & RODAL, 2006).
  - Piauí (FERNANDES, 1976; RIZZINI, 1976; BARROSO; GUIMARÃES, 1980; CASTRO et al., 1982; FERNANDES, 1982; EMPERAIRE, 1984; CASTRO, 1984; JENRICH, 1989; CASTRO, 1994).
  - Estado do Rio de Janeiro (OCCHIONI, 1975; GOLFARI; MOOSMAYER, 1978; GUIMARÃES et al., 1988; BORÉM; RAMOS, 2001; MORENO et al., 2003).
  - Estado de São Paulo (BARROS, 1965/1966; CAMARGO; MARINIS, 1966; TOLEDO FILHO et al., 1989; BATISTA; COUTO, 1990; CASTRO, 1994; DURIGAN et al., 1999; BATALHA; MANTOVANI, 2001; BERTONI et al., 2001; WEISER; GODOY, 2001; TOPPA et al., 2004).

## Aspectos Ecológicos

**Grupo ecológico ou sucessional:** *Plathymenia reticulata* é relatada como uma espécie secundária inicial (SILVA et al., 2003).

**Importância sociológica:** o vinhático ocorre em formações secundárias e apresenta dispersão bastante irregular e descontínua ao longo de sua área de ocorrência.

## Biomass (IBGE, 2004a) / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004b) e Outras Formações Vegetacionais

### Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), em Pernambuco (ANDRADE-LIMA, 1961).
- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações das Terras Baixas, em Pernambuco (RODAL et al., 2005) e Submontana, em Minas Gerais, com frequência de até 14 indivíduos por hectare (CARVALHO et al., 2000; LOPES et al., 2002).

- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), nas formações das Terras Baixas, Submontana e Montana, em Alagoas, no Ceará, no Espírito Santo, em Pernambuco (FERRAZ; RODAL, 2006) e no Estado do Rio de Janeiro, com frequência de até oito indivíduos por hectare (TAVARES et al., 1974; BORÉM; RAMOS, 2001).

### Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado stricto sensu, no Amapá, na Bahia, em Goiás, no Maranhão, em Mato Grosso e no Estado de São Paulo, com frequência de até seis indivíduos por hectare (TOLEDO FILHO et al., 1989; MARIMON et al., 1998; SILVA et al., 2002).
- Savana Florestada ou Cerradão, no Ceará (FERNANDES; BEZERRA, 1990), em Goiás (SILVA; HERINGER, 1979; MUNHOZ; PROENÇA, 1998; COSTA; ARAÚJO, 2001), em Mato Grosso do Sul (SALIS et al., 2006), em Minas Gerais (COSTA NETO; COUTO, 1991), no Piauí e no Estado de São Paulo (BATALHA; MANTOVANI, 2001), com frequência de até 89 indivíduos por hectare (IMAÑA-ENCINAS et al., 1995).

### Bioma Caatinga

- No Ceará (GOMES; FERNANDES, 1985).

### Bioma Pantanal

- Pantanal Mato-Grossense, em Mato Grosso (PRANCE; SCHALLER, 1982) e em Mato Grosso do Sul (BERG, 1986; SALIS et al., 2006).

### Outras Formações Vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, no Distrito Federal (SILVA JÚNIOR et al., 1998) e em Minas Gerais (BRANDÃO & NAIME, 1998).
- Brejos de altitude nordestinos ou disjunções da Floresta Ombrófila Aberta (VELOSO et al., 1991), em Pernambuco (PEREIRA et al., 1993; RODAL et al., 2005b).
- Encraves vegetacionais, no Nordeste (FERREIRA, 1992).
- Fora do Brasil, ocorre no Campo Cerrado, no Paraguai.

## Clima

**Precipitação pluvial média anual:** de 316 mm, no Sertão dos Inhamuns, no sudoeste do Ceará, a 2.500 mm, em Pernambuco.

**Regime de precipitações:** chuvas periódicas.

**Deficiência hídrica:** de pequena a moderada em Alagoas e em Pernambuco. De pequena a

moderada, no inverno, no sul de Minas Gerais. Moderada na Bahia, no litoral do Ceará e no nordeste do Espírito Santo. Moderada, no inverno, no leste de Minas Gerais e no nordeste do Estado do Rio de Janeiro. De moderada a forte, no inverno, no oeste de Minas Gerais.

**Temperatura média anual:** 18,1 °C (Diamantina, MG) a 27,5 °C (São Bernardo, MA).

**Temperatura média do mês mais frio:** 15,3 °C (Diamantina, MG) a 25,7 °C (Fortaleza, CE).

**Temperatura média do mês mais quente:** 20 °C (Diamantina, MG) a 27,3 °C (Fortaleza, CE).

**Temperatura mínima absoluta:** 0,5 °C (Araxá, MG). Contudo, na Província de Misiones, na Argentina, a temperatura mínima absoluta chega a até -6,2 °C (MARTINEZ-CROVETTO, 1963).

**Número de geadas por ano:** ausentes ou raras no sul de Minas Gerais e no Estado de São Paulo. Na Província de Misiones, na Argentina, a frequência média de dias com geadas é de 3,9 (MARTINEZ-CROVETTO, 1963).

**Classificação Climática de Koeppen:** **Am** (tropical chuvoso com chuvas do tipo monção, com uma estação seca de pequena duração) na Bahia e em Pernambuco. **As** (tropical chuvoso com verão seco, a estação chuvosa se adiantando para o outono) em Alagoas e em Pernambuco. **Aw** (tropical quente com estação seca de inverno) no Ceará, no Espírito Santo, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais, no Piauí, no Estado do Rio de Janeiro e no noroeste do Estado de São Paulo. **BShw** (semi-árido) no sudoeste do Ceará e do Piauí. **Cwa** (subtropical com inverno seco não rigoroso e verão quente e moderadamente chuvoso) em Minas Gerais e no Estado de São Paulo. **Cwb** (subtropical de altitude com verões chuvosos e invernos frios e secos) na Chapada Diamantina, BA, e no sul de Minas Gerais.

## Solos

*Plathymentia reticulata* ocorre, preferencialmente, em áreas de baixada, em solos férteis e com alta umidade.

## Tecnologia de Sementes

**Colheita e beneficiamento:** a colheita dos frutos faz-se diretamente da árvore, assim que tem início a abertura natural. As sementes devem ser extraídas, manualmente, do pergaminho que as envolvem.

**Número de sementes por quilo:** 15.000 (HERINGER; FERREIRA, 1972); 16.800 (LORENZI, 2002) a 33.200 (SILVA JÚNIOR, 2005).

**Tratamento pré-germinativo:** não é necessário.

**Longevidade e armazenamento:** a viabilidade em armazenamento das sementes dessa espécie é superior a 4 meses (LORENZI, 2002).

## Produção de Mudanças

**Semeadura:** as sementes do vinhático devem ser semeadas em sementeiras ou duas sementes diretamente em recipientes, sacos de polietileno ou tubetes de polipropileno de tamanho grande. A repicagem deve ser feita de 20 a 40 dias após a germinação.

**Germinação:** é epígeo-foliácea (OLIVEIRA, 1999) ou fanerocotiledonar. A emergência tem início de 6 a 47 dias após a semeadura. Geralmente, o poder germinativo é inferior a 40 % (SILVA; HERINGER, 1979). O tempo mínimo em viveiro é de 9 meses.

**Reprodução vegetativa:** propagação por microestacas, medindo de 3 mm a 5 mm de comprimento, tendo-se o cuidado de deixar uma gema por estaca (TEIXEIRA et al., 1995).

**Associação simbiótica:** as raízes do vinhático são fixadoras de N (nitrogênio), associando-se com *Rhizobium*, formando nódulos do tipo mucunóide, e com atividade da nitrogenase (FARIA et al., 1984b; MONTAGNINI et al., 1994).

## Características Silviculturais

Espécie heliófila a esciófila, que não tolera baixas temperaturas.

**Hábito:** geralmente apresenta perfeição de fuste regular, ou seja, sinuoso e inclinado, sem dominância apical definida e com ramificação pesada (GOLFARI; MOOSMAYER, 1980; TOLEDO FILHO, 1988). Não apresenta derrama satisfatória; necessita de poda de condução e de galhos, freqüente e periódica, para melhorar sua forma.

**Métodos de regeneração:** recomenda-se plantio misto. Essa espécie rebrota vigorosamente da touça ou cepa, podendo ser manejada pelo sistema de talhadia (BARROS, 1965/1966).

**Sistemas agroflorestais (SAFs):** *Plathymentia reticulata* é recomendada para sombreamento de pastagens.

## Crescimento e Produção

O crescimento do vinhático é rápido (Tabela 42). O ciclo de corte para produção de madeira com

**Tabela 42.** Crescimento de *Plathymenia reticulata* em plantios, na Bahia, no Espírito Santo e nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	Classe de solo (a)
Casa Branca, SP <sup>(1)</sup>	8,0	3 x 2	80	4,40	7,0	LVa
Linhares, ES <sup>(2)</sup>	4,5	3 x 2	....	7,93	16,4	....
Rio de Janeiro, RJ <sup>(3)</sup>	16,0	....	....	11,00	25,0	....
Rio de Janeiro, RJ <sup>(4)</sup>	25,0	....	....	10,00	18,0	....
Santa Cruz Cabralia <sup>(5)</sup>	....	2 x 2	....	7,3	15,8	....
Trajano de Moraes <sup>(6)</sup>	5	3 x 3	....	8,64	13,6	PVE

(a) LVa = Latossolo Vermelho-Amarelo; PVE = Podzólico Vermelho-Escuro.

(...) Dado desconhecido, apesar de o fenômeno existir.

Fonte: <sup>(1)</sup> Toledo Filho (1988).

<sup>(2)</sup> Mascarenhas Sobrinho (1974).

<sup>(3)</sup> Almeida (1943).

<sup>(4)</sup> Almeida (1943).

<sup>(5)</sup> Montagnini et al. (1994). Montagnini et al. (1994).

<sup>(6)</sup> Oliveira et al. (1998).

DAP de 80 cm, em solos de fertilidade química alta, é de 60 a 80 anos (HERINGER; FERREIRA, 1972).

No Jardim Botânico do Rio de Janeiro, árvores dessa espécie plantadas em alamedas alcançaram, em 100 anos, uma altura total de 20 m e um DAP de 70 cm a 80 cm. Contudo, no Cerrado do Distrito Federal, apresentaram crescimento em altura em torno de 1 m/a e alto índice de sobrevivência (GUIMARÃES, 1998).

## Características da Madeira

**Massa específica aparente (densidade):** a madeira do vinhático é moderadamente densa (0,50 g.cm<sup>-3</sup> a 0,55 g.cm<sup>-3</sup>) a 15 % de umidade (ARAÚJO, 1962/1965; MAINIERI; CHIMELO, 1989).

**Massa específica básica (densidade):** 0,31 g.cm<sup>-3</sup> (FOELKEL et al., 1978).

**Cor:** o cerne varia do amarelo-dourado ao amarelo-queimado ou castanho-amarelado, com reflexos dourados, quase sempre uniforme, mas às vezes com manchas bem escuras (vinhático-rajado); o alburno é bem definido e branco-amarelado.

**Características gerais:** textura média; grã direita a irregular, superfície bastante lustrosa e medianamente áspera ao tato; cheiro e gosto imperceptíveis.

**Durabilidade natural:** conforme observações práticas a respeito de sua utilização, quando empregada em condições adversas, a madeira do vinhático demonstrou ser de alta resistência ao ataque de organismos xilófagos. Contudo, estacas

dessa espécie, soterradas por 20 anos em contato com o solo, tiveram vida média de 12 a 20 anos (ROCHA et al., 2000).

**Preservação:** a madeira do vinhático, em tratamento experimental sob pressão, demonstrou ser de baixa permeabilidade a soluções preservantes.

**Trabalhabilidade:** a madeira dessa espécie é fácil de se trabalhar.

**Outras características:** desde o período colonial, o vinhático aparece nas estatísticas de exportação, saindo por Salvador, BA, Vitória, ES, e Rio de Janeiro, RJ. O Estado de São Paulo era a boca de escoamento das áreas de população florestal da madeira (HERINGER; FERREIRA, 1972). Propriedades físicas e mecânicas, bem como os caracteres anatômicos da madeira dessa espécie, podem ser encontrados em Araújo (1962/1965) e em Mattos et al. (2003).

## Produtos e Utilizações

**Apícola:** planta melífera (RAMOS et al., 1991).

**Celulose e papel:** Foelkel et al. (1978) consideraram essa espécie pouco promissora para celulose branqueada de qualidade. Entretanto, para certas finalidades menos nobres, a celulose dessa espécie pode ser considerada como viável. Comprimento das fibras de 1,62 mm e teor de lignina com cinza de 28,30 % (FOELKEL et al., 1978).

**Constituintes fitoquímicos:** encerra éter metílico do ácido vinhaticóide e acetato de vinhaticila. Essas duas substâncias diterpênicas

são responsáveis pela preservação da madeira, que, mesmo quando exposta às intempéries, não apodrece facilmente (GOTTLIEB et al., 1980).

**Corante:** a casca produz corante amarelo (SILVA JÚNIOR, 2005).

**Energia:** lenha de boa qualidade (JENRICH, 1989).

**Madeira serrada e roliça:** a madeira do vinhático é indicada na fabricação de folhas faqueadas para revestimentos decorativos, de móveis, de painéis, de portas nobres e de tripés para equipamentos topográficos; é usada também em construções (navais e civís); em acabamentos internos (esquadrias, rodapés, molduras, persianas e venezianas); em contraplacados, em tonéis de vinho, em artefatos artísticos e em marcenaria de luxo.

No interior, também é usada em postes, em carrocerias, em carpintaria, em construções rurais (forros, tábuas e tacos para assoalho, ripas e portas). É muito usada, também, para estacas, esteios e mourões de cerca pela grande durabilidade e por ser bastante resistente ao cupim (JENRICH, 1989).

Na Bahia, essa espécie já foi usada na fabricação de canoas, ao se escavar e ao se lavar seus troncos avantajados.

**Medicinal:** na medicina popular, as folhas e a goma são usadas no combate a doenças pulmonares e contra dermatites; a casca é usada no tratamento de varizes e de edema testicular, e no combate à hemorragia e à diarreia (SILVA JÚNIOR, 2005).

**Paisagístico:** *Plathymenia reticulata* é uma espécie de grande potencial em paisagismo.

**Plantios com finalidade ambiental:** apresenta boa deposição de folheto ao solo, principalmente no período úmido; esse fato pode ser considerado como mais uma indicação da grande viabilidade dessa espécie como opção para plantios em solos degradados (VINHA; PEREIRA, 1983).

**Substâncias tanantes:** as cascas dessa espécie são taníferas.

## Principais Pragas

Geralmente, as sementes do vinhático são atacadas pelos bruquídeos *Pelecopselaphus blanda* e *Eburodacrys sexmaculata*. As larvas desses insetos cavam galerias transversais e longitudinais com vários metros de comprimento.

## Espécies Afins

O gênero *Plathymenia* foi descrito por George Bentham em 1842 e compreende de 2 a 4 espécies na América do Sul.

*Plathymenia reticulata* Bentham, conhecido por vinhático-do-campo, é arvoreta que não ultrapassa 10 m de altura, conquanto possa chegar a 50 cm de DAP, e se assemelha muito à *P. foliolosa*, diferindo pela inflorescência. Cresce em áreas do Cerrado e da Floresta Estacional Semidecidual, sendo encontrada desde o Amapá até o Estado de São Paulo.

Essas duas espécies são pares vicariantes (RIZZINI, 1971; HERINGER; FERREIRA, 1972; MENDES; PAVIANI, 1997; PAULA; ALVES, 1997). Entretanto, atualmente há uma tendência de alguns botânicos a proporem a transformação numa única espécie.

Menezes e Potiguara (1997), estudando a anatomia e a venação dos folíolos das duas espécies, encontraram como característica anatômica diferencial entre elas apenas a posição dos estômatos. Pelos resultados obtidos, os supracitados autores reforçam as considerações de outros autores de que esses dois táxons possam constituir uma única espécie.

Nesta obra, optou-se pelo tratamento taxonômico dado pelo *Missouri Botanical Garden*, que considera esses dois táxons um único taxon. Contudo, o *Index Kewensis* ainda considera as duas espécies como entidades botânicas separadas.

**Embrapa**

---

**Florestas**

**Referências Bibliográficas**

**clique aqui**